

## **Análise do comportamento aplicada: tecnologia x teoria?**

Aline de Carvalho Abdelnur e Anna Beatriz Müller Queiroz

**PUCSP**

A atuação do analista do comportamento é regida pelos princípios da ciência do comportamento e da filosofia do Behaviorismo Radical, segundo os quais os comportamentos dos indivíduos são determinados por contingências filogenéticas, ontogenéticas e culturais. Uma vez que as contingências de sobrevivência operaram e operam ao longo da história da espécie e só podem ser analisadas ou recuperadas por um raciocínio retrospectivo, ao analista do comportamento que pretenda produzir ou modificar comportamentos em um indivíduo, restam a análise e a manipulação apenas dos dois últimos tipos de contingências.

Há que se ressaltar que o comportamento do indivíduo ao qual denominamos analista do comportamento aplicado também foi e continua sendo determinado pelos três níveis de seleção mencionados. Ao produzir modificações importantes, sistemáticas e abrangentes em comportamentos de indivíduos, em diferentes condições e ambientes, a atuação do analista do comportamento aplicado foi modificada ao longo da história de sua prática por tais conseqüências, assim como pelas contingências estabelecidas pelo grupo de Analistas do Comportamento Aplicados.

Analisando a prática da análise do comportamento, já se propôs que, no caso da análise do comportamento aplicada, tanto as contingências de reforço específicas da história profissional dos analistas do comportamento, quanto as

contingências culturais do grupo de profissionais parecem ter favorecido a ênfase no trabalho que pretendia promover a modificação de comportamentos considerados “mal-adaptativos”, no sentido de um melhor ajustamento às contingências presentes e do exercício de um contra-controle eficaz. Tais objetivos teriam se tornado primordiais na prática do analista aplicado do comportamento e são vistos como criticáveis.

No entanto, como afirmam Follette, Bach e Follette (1993), os analistas do comportamento também teriam reconhecido a utilidade de trabalhar com comportamentos já presentes no repertório dos indivíduos, em vez de apenas eliminar comportamentos problemáticos, que tornaria seu trabalho mais produtivo. Contudo, os autores reconhecem que em ambientes com contingências de controle conflitantes e mutáveis é difícil estabelecer os comportamentos a serem construídos no repertório dos indivíduos, o que poderia, mais uma vez conduzir analistas do comportamento aplicado a uma ênfase na redução de comportamentos.

Mas será que uma Análise do Comportamento Aplicada focada nas contingências do grupo que produzem e mantêm tais comportamentos, não se mostraria mais profícua no planejamento de contingências mais saudáveis para o grupo como um todo a longo prazo? Holland (1978), em artigo intitulado “Behaviorismo: parte do problema ou da solução?” argumenta que:

*a pessoa é um espelho de suas respostas às*

*contingências. Comportamento é adaptativo. Ele tem uma integração íntima com as contingências controladoras. O behaviorista deveria escutar cuidadosamente, como parceiro e colega da reforma social. Nosso papel no processo de mudança será o de um catalisador – auxiliar no planejamento de soluções* (p.173).

Holland (1978) defende que o Behaviorismo, enquanto a filosofia de uma ciência do comportamento, está pronto para auxiliar no planejamento de contingências favoráveis ao grupo e conseqüentemente ao indivíduo. No entanto, tal filosofia apenas se concretizaria nas práticas dos cientistas do comportamento e nem sempre tais práticas são consoantes com o Behaviorismo e seu amplo potencial de modificação cultural. É nesta medida que Holland (1978) aponta os analistas aplicados do comportamento como parte do problema.

A prática do analista do comportamento aplicado é, portanto, o alvo da crítica de Holland (1978), e não o Behaviorismo em si, e tal crítica exige uma análise da prática do analista do comportamento. Este questionamento e crítica podem ser dirigidos a diversos aspectos da atuação do analista do comportamento. Em 1991, motivado pelo posicionamento de Steven Hayes, em 1990, sobre a relação entre a tecnologia e a teoria na pesquisa aplicada, Geller, então editor do *Journal of Applied Behavior Analysis* (JABA), lançou a pergunta “A Análise Aplicada do Comportamento é excessivamente tecnológica?”. A pergunta de Geller (1991) ilustra uma das preocupações de Holland (1978) quanto à prática do analista do comportamento que seria um mero reproduzidor de tecnologia comportamental. Responderam ao questionamento de Geller (1991) oito pesquisadores: Edward Morris, Steven Hayes,

Brian Iwata, J. M. Johnston, Donald Baer, F. Charles Mace, Dennis Reid, William Redmon. Serão discutidas a seguir quatro destas respostas, as de Morris, Iwata, Johnston e Baer, como forma de mostrar os diferentes posicionamentos suscitados pela pergunta de Geller (1991), o que seria indicativo da diversidade de posições (e de práticas) dos analistas do comportamento sobre o tema.

Baer (1991) defendeu que - na ciência - a tecnologia nunca seria excessiva, ela poderia ser incompleta, no sentido de um controle deficiente do seu objeto de estudo, mas tal deficiência não seria suprida por uma maior teorização, mas sim através do desenvolvimento de procedimentos geradores de melhor controle. Ao fazê-lo, tais procedimentos se transformam em tecnologia. Ao discorrer sobre as ciências naturais, Baer apontou a obtenção de maior controle experimental e não apenas o desenvolvimento da teoria, como uma das razões de seu avanço. Similarmente, esta foi a proposta de Baer para a Análise do Comportamento Aplicada:

*eu clamo que nossa sociedade tem maior probabilidade de sobreviver através do desenvolvimento de uma melhor tecnologia comportamental do que pelo desenvolvimento de teorias acerca do por que nossa tecnologia comportamental atual não está ainda nos salvando da auto-destruição* (Baer, 1991, p.430).

Iwata (1991) endossou o posicionamento de Baer (1991), ao definir a Análise do Comportamento Aplicada como uma ciência e como necessariamente tecnológica, que não se oporia a, mas, antes, enriqueceria a teoria que a respalda. Iwata defendeu que algumas questões de pesquisa de natureza teórica só poderão ser respondidas através do arranjo tecnológico do ambiente. Esta conclusão permeia a argumenta-

ção do autor de que teoria e desenvolvimento tecnológico não se contrapõem ou se excluem, mas se complementam. Assim ponderou o autor: “A maioria de nossas teorias existe enquanto relações funcionais que descrevem como os fenômenos foram controlados.” (Iwata, 1991, p. 423). E como podemos depreender de sua análise, o controle só seria alcançado pelo desenvolvimento e aplicação de tecnologia.

Morris (1991), por sua vez, expandiu o entendimento do termo “tecnológico” para o contexto maior da condução da Análise do Comportamento Aplicada como um todo. Para isso Morris propôs duas acepções para o termo *análise* na Análise do Comportamento Aplicada: *demonstração* da efetividade das aplicações da tecnologia comportamental e *descoberta* experimental das funções do comportamento. O autor afirmou considerar a Análise do Comportamento Aplicada excessivamente tecnológica quando prioriza a demonstração em detrimento da descoberta. Acerca deste tema, Morris (1991) discorre

*O meu argumento não é contra o crescimento de tecnologia efetiva através da demonstração, mas sim é favorável ao desenvolvimento futuro da Análise Aplicada do Comportamento através da descoberta* (Morris, 1991, 413).

Já Johnston (1991) propôs uma distinção entre aplicação tecnológica e pesquisa tecnológica. Este autor propôs um novo modelo para desenvolver e avaliar a tecnologia comportamental, consistente com as outras ciências naturais. Neste contexto Johnston enfatizou a diferença acima apresentada e apontou a necessidade de subdividir as atividades aplicadas em pesquisa *versus* serviço, uma vez que:

*Pesquisa tecnológica tem como foco o desenvolvimento de maneiras de controlar o comportamento para propósitos práticos.*

*Seus métodos experimentais devem ser usualmente indistinguíveis daqueles da pesquisa básica. As necessidades metodológicas de pesquisa tecnológica, importante e reveladora, e as questões experimentais às quais ela responde, não podem estar rotineiramente comprometidas com as necessidades práticas da prestação de serviços.* (Johnston, 1991, p.426).

Assim como os autores destacados anteriormente, Johnston respondeu à questão proposta por Geller (1991), analisando o termo “tecnológico” e seus contextos, e terminou por enfatizar a tecnologia como um dos pilares da análise do comportamento e como propulsora de uma ciência cujas “capacidades tecnológicas são tão impressionantes quanto aquelas oferecidas pelas ciências físicas e biológicas”. (Johnston, 1991, p.427).

As diferenças nas respostas à pergunta de Geller sugerem que o sentido do termo “tecnológico” talvez possa ser melhor compreendido se tomarmos as diferenças como complementaridades e se considerarmos que não se trata de supor oposição entre tecnologia e teoria. Muito pelo contrário, no desenvolvimento da ciência do comportamento, teoria e tecnologia devem ser tomadas como duas faces de um mesmo empreendimento. Só poderemos refletir criticamente sobre nossa ação técnica (ou tecnológica) informados pela teoria e só poderemos avaliar nossa ação teórica se pudermos na prática discutir nossa teoria.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baer, D. M. (1991). Tacting “to a fault”. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 24, 429-431.
- Follette, W. C., Bach, P. A., e Follette, V. M. (1993). A behavior-analytic view of psychological health. *The Behavior Analyst*, 16, 303-316.

- Geller, E. S. (1991). Is applied behavior analysis technological to a fault? *Journal of Applied Behavior Analysis*, 24, 401-406.
- Holland, J. G. (1978). Behaviorism: part of problem or part of the solution? *Journal of Applied Behavior Analysis*, 11 (1), 163-174.
- Iwata, B. A. (1991). Applied Behavior Analysis as technological science. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 24, 421-424.
- Johnston, J. M. (1991) We need a new model of technology. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 24, 425-427.
- Morris, E. K. (1991). Deconstructing “technological to a fault”. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 24, 411-416.